



ACADEMIA MILITAR

Loureiro dos Santos e as «Guerras do Império» - O Confronto dos Estados Unidos da América com o Terror e o seu impacto Global

Aspirante de Infantaria Ricardo Lourenço da Silva Gonçalo

Trabalho de Investigação Aplicada

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria

Orientador: Tenente-Coronel de Cavalaria Pedro Nuno Antunes Ferreira

Júri

Presidente do Júri: Professora Auxiliar Ana Luísa Rodrigues Branco Correia

Arguente: Professor Auxiliar c/ Agreg António Paulo David Duarte

Orientador: Tenente-Coronel de Cavalaria Pedro Nuno Antunes Ferreira

Diretor de Curso: Roberto Martins Mariano

junho, 2025



ACADEMIA MILITAR

Loureiro dos Santos e as «Guerras do Império» - O Confronto dos Estados Unidos da América com o Terror e o seu impacto Global

Aspirante de Infantaria Ricardo Lourenço da Silva Gonçalo

Trabalho de Investigação Aplicada

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria

Orientador: Tenente-Coronel de Cavalaria Pedro Nuno Antunes Ferreira

Júri

Presidente do Júri: Professora Auxiliar Ana Luísa Rodrigues Branco Correia

Arguente: Professor Auxiliar c/ Agreg António Paulo David Duarte

Orientador: Tenente-Coronel de Cavalaria Pedro Nuno Antunes Ferreira

Diretor de Curso: Roberto Martins Mariano

junho, 2025

EPÍGRAFE

“Sob a direção de um forte general, jamais haverá soldados fracos”

-Sócrates

DEDICATÓRIA

À minha mãe, pai e irmã por todo o apoio incondicional,
À minha namorada pela parceria na vida.

AGRADECIMENTOS

O presente Trabalho de Investigação Aplicada representa não apenas a conclusão de uma etapa académica, mas também o culminar de um percurso exigente e transformador, correspondendo ao término do Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria, da Academia Militar. É um trabalho de grande importância pessoal e profissional, que reflete o meu empenho, crescimento e compromisso assumido ao longo destes últimos cinco anos.

Nada disto teria sido possível sem o apoio e a presença de várias pessoas a quem quero expressar a minha total gratidão.

Aos meus pais, agradeço por todo o apoio incondicional, por me incentivarem a dar sempre o melhor de mim e a nunca desistir, fosse qual fosse o desafio que tinha de enfrentar. Agradeço todos os nobres valores que me foram transmitindo e a força que sempre me deram. Foram e sempre serão o meu alicerce. À minha irmã, agradeço todo o carinho e amor.

À minha namorada, um agradecimento especial por estar sempre ao meu lado, pela paciência, compreensão e por todo o apoio que me deu, especialmente nos momentos mais desafiantes. A tua presença foi essencial nesta minha jornada.

Ao meu orientador, Tenente-Coronel de Cavalaria Pedro Ferreira, agradeço a orientação, disponibilidade e rigor com que acompanhou o desenvolvimento desta investigação. O seu contributo foi determinante para a concretização deste trabalho.

Aos Diretores de Curso de Infantaria com quem tive o privilégio de aprender, Major de Infantaria Pedro Meneses e Tenente-Coronel de Infantaria Roberto Mariano, agradeço todos os ensinamentos, a exigência e o exemplo que marcaram profundamente a minha formação como futuro oficial do Exército.

Aos meus camaradas de curso, deixo um agradecimento sentido pela amizade e camaradagem. Tornaram esta jornada mais leve, mais alegre e memorável.

A todos os que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão desta etapa, o meu sincero obrigado.

Com gratidão,

Aspirante de Infantaria, Ricardo Gonçalo

RESUMO

Este estudo visa analisar cientificamente a perspectiva do General Loureiro dos Santos sobre o confronto dos Estados Unidos da América com o terrorismo, com particular ênfase nas intervenções militares no Afeganistão e no Iraque após os atentados de 11 de setembro de 2001. As intervenções militares norte-americanas são analisadas como expressões de uma nova forma de ordem internacional, e da tentativa norte-americana de impor a sua hegemonia global através da força militar. Neste sentido, a presente investigação tem como principal objetivo compreender qual a leitura que o autor Loureiro dos Santos faz dos sucessos e fracassos destas operações, os seus impactos geoestratégicos para o mundo e as implicações para a política externa e de defesa de Portugal.

Por forma a atingir estes objetivos, a metodologia adotada foi predominantemente qualitativa, centrada na análise documental de obras publicadas por Loureiro dos Santos, bem como em literatura secundária que se relacionasse com as suas interpretações. A pesquisa seguiu uma revisão bibliográfica extensiva e meticulosa, recorrendo a bases de dados académicas e à análise do conteúdo dos textos e obras selecionadas. Este método possibilitou uma compreensão mais aprofundada e contextualizada das teorias e argumentos apresentados por Loureiro dos Santos e outros autores relevantes no campo das Relações Internacionais e de Estudos de Segurança.

Os principais resultados obtidos com esta investigação evidenciaram uma crítica consistente à política externa unilateral e militarista dos Estados Unidos da América. As análises feitas pelo General Loureiro dos Santos apontam falhas estratégicas dessas intervenções, assim como os impactos negativos na estabilidade global e regional. Em particular, as intervenções no Afeganistão e no Iraque são apresentadas como exemplos paradigmáticos de consequências adversas de uma abordagem excessivamente militarista. Esta investigação revelou que essas ações não só falharam em atingir os seus objetivos declarados de estabilização e combate ao terrorismo, como também contribuíram para um aumento do antiamericanismo e da instabilidade regional e global. Adicionalmente, Loureiro dos Santos concluí com a necessidade de uma abordagem mais equilibrada e multilateralista por forma a enfrentar os desafios da segurança internacional. Esta visão está alinhada com outras críticas académicas contemporâneas, que também defendem a integração de soluções políticas, económicas e sociais, juntamente com as estratégias militares. Tendo em conta os aspetos anteriormente referidos, este estudo evidencia a importância de considerar uma

abordagem mais abrangente para a segurança global, que tem em conta as diversas dimensões dos conflitos e intervenções militares.

Desta forma, a conclusão mais relevante desta investigação é de que o confronto do Estados Unidos da América com o terrorismo, nomeadamente as intervenções militares no Afeganistão e no Iraque, embora tenham alcançado alguns sucessos táticos, resultaram em graves falhas estratégicas. Estas falhas não só ajudaram a aumentar a instabilidade regional, como também mancharam negativamente a imagem dos Estados Unidos da América a nível global. Loureiro dos Santos defende de forma convincente que uma abordagem mais holística, que integre não só soluções militares, mas também componentes políticas, económicas e sociais, é essencial para alcançar uma segurança internacional sustentável. Esta perspetiva é vital para a formulação de políticas futuras e para a compreensão das dinâmicas complexas das intervenções militares no cenário global.

Palavras-chave: Afeganistão, Conflito, EUA, Guerra, Iraque, Loureiro dos Santos, Terrorismo

ABSTRACT

This study aims to scientifically analyse General Loureiro dos Santos's perspective on the United States of America's confrontation with terrorism, with particular emphasis on the military interventions in Afghanistan and Iraq following the attacks of 11 September 2001. The American military interventions are examined as expressions of a new form of international order, and as part of the United States attempt to assert global hegemony through military force. In this context, the main objective of the research is to understand how Loureiro dos Santos interprets the successes and failures of these operations, their geostrategic impacts on the world, and the implications for Portugal's foreign and defence policy.

To achieve these objectives, the methodology adopted was predominantly qualitative, focusing on the documentary analysis of works published by Loureiro dos Santos, as well as secondary literature related to the autor's interpretations. The research followed an extensive and meticulous bibliographic review, drawing on academic databases and on the content analysis of selected texts and publications. This method enabled a deeper and more contextualised understanding of the theories and arguments presented by Loureiro dos Santos and other relevant authors in the fields of International Relations and Security Studies.

The main findings of this investigation reveal a consistent critique of the United States' unilateral and militaristic foreign policy. General Loureiro dos Santos's analyses highlight strategic failures in these interventions, as well as their negative impacts on global and regional stability. In particular, the interventions in Afghanistan and Iraq are presented as paradigmatic examples of the adverse consequences of an excessively militarised approach. The research shows that these actions not only failed to achieve their stated objectives of stabilisation and counterterrorism but also contributed to the rise of anti-American sentiment and increased instability on both regional and global scales.

Moreover, Loureiro dos Santos concludes that a more balanced and multilateralist approach is necessary to confront international security challenges. His vision aligns with other contemporary academic critiques that advocate for the integration of political, economic, and social solutions alongside military strategies. Taking into account the aspects mentioned above, this study underscores the importance of adopting a more comprehensive approach to global security, more specifically one that accounts for the multiple dimensions of conflict and military intervention.

Thus, the most relevant conclusion of this investigation is that the United States confrontation with terrorism, particularly through the military interventions in Afghanistan and Iraq, although achieving some tactical successes, resulted in serious strategic failures. These failures not only contributed to increasing regional instability but also negatively tarnished the international image of the United States. Loureiro dos Santos convincingly argues that a more holistic approach, one that integrates not only military solutions but also political, economic, and social components, is essential for achieving sustainable international security. This perspective is vital for informing future policy decisions and for understanding the complex dynamics of military interventions in the global arena.

Keywords: Afghanistan, Conflict, USA, War, Iraq, Loureiro dos Santos, Terrorism

ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE.....	i
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	vi
ÍNDICE GERAL.....	viii
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS	x
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E TEÓRICA	3
1.1. Terrorismo: Enquadramento Conceptual	3
1.2. 11 de setembro como ponto de viragem	5
1.3. Cenário Internacional Pós-11 de setembro	6
1.4. A resposta dos EUA e o início da Guerra Global ao Terrorismo.....	7
1.5. O impacto dos atentados de 11 de setembro na segurança global	8
1.6. Consequências da Guerra Global ao Terrorismo e a Adaptação das Ameaças Terroristas	9
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	10
2.1. Delimitação Temporal e Temática.....	10
2.2. Questões de Investigação	11
2.3. Objetivos da Investigação	12
2.3.1. Objetivo Geral (OG).....	13
2.3.2. Objetivos Específicos (OE)	13
2.4. Método e Estratégia de Investigação	13
2.5. Métodos de Recolha de Dados.....	15
CAPÍTULO 3 – Análise Crítica da Perspetiva Estratégica de Loureiro dos Santos sobre as Guerras do Império	20

3.1. Sucessos e falhas das ações militares dos EUA: confronto com o terrorismo.....	21
3.2. Implicações globais da Guerra ao Terror.....	24
3.3. Impacto da guerra ao terror na política externa e de defesa de Portugal	26
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

ADM – Armas de Destruição Maciça

CINAMIL – Centro de Investigação Desenvolvimento e Inovação da Academia Militar

EU – União Europeia

EUA – Estados Unidos da América

GGT – Guerra Global ao Terrorismo

NATO – *North Atlantic Treaty Organization*

NEP – Normas de Execução Permanente

OE – Objetivo Específico

OG – Objetivo Geral

ONU – Organização das Nações Unidas

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

PD – Pergunta Derivada

PP – Pergunta de Partida

INTRODUÇÃO

A presente investigação, inserida no plano curricular do mestrado integrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria da Academia Militar, analisa a visão do General Loureiro dos Santos sobre as chamadas “Guerras do Império”, com foco particular no confronto dos Estados Unidos da América contra o terrorismo e as suas implicações a nível global. Este estudo encontra-se integrado no projeto “Grande Memória da Estratégia Nacional” do Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação da Academia Militar (CINAMIL), com o objetivo de ser uma entrada desta futura enciclopédia.

Sendo Loureiro dos Santos uma das figuras mais respeitadas do pensamento estratégico e da defesa nacional portuguesa, a presente investigação oferece uma perspetiva única e crítica sobre as intervenções militares norte-americanas desencadeadas pelos atentados terroristas que abalaram os EUA, destacando tanto os sucessos e as falhas, as consequências a nível global, assim como as próprias implicações na realidade portuguesa, ainda pouco exploradas.

A relevância deste estudo decorre da necessidade de compreender melhor os impactos das “Guerras do Império” não apenas para os EUA, mas também para o mundo, incluindo aliados europeus, e para Portugal, que também desempenhou um papel importante nas operações da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) durante este período. A perspetiva de Loureiro dos Santos permite contextualizar estas intervenções militares dentro de uma lógica mais global da segurança internacional, ao questionar até que ponto as estratégias norte-americanas contribuíram realmente para a luta contra o terrorismo ou se, pelo contrário, aumentaram a instabilidade global e criaram ainda mais insegurança.

Este estudo assume assim uma dupla dimensão: por um lado, analisa criticamente o impacto das políticas de contraterrorismo dos EUA; por outro, avalia a forma como estas influenciaram a segurança e a estabilidade internacional, com um olhar particular para o caso português.

O objetivo geral (OG) desta investigação é perceber qual é a interpretação de Loureiro dos Santos sobre as “Guerras do Império”, ao explorar as suas reflexões sobre os sucessos e falhas das intervenções militares dos EUA e as implicações para a segurança global. Para tal, definem-se três objetivos específicos (OE): (1) investigar como Loureiro dos Santos interpreta os sucessos, falhas das políticas e ações militares norte-americanas no confronto com o Terrorismo; (2) verificar como Loureiro dos Santos analisa as implicações globais

deste confronto; e (3) analisar o impacto destes eventos na política externa e de defesa de Portugal, segundo a visão de Loureiro dos Santos.

A investigação parte da seguinte pergunta de partida (PP): “Qual a perspetiva do General Loureiro dos Santos sobre o confronto dos Estados Unidos da América com o terrorismo e o seu impacto global, expressa nas suas obras?”. Para responder a esta questão, serão exploradas outras perguntas derivadas (PD), nomeadamente: (PD1): Como é que Loureiro dos Santos interpreta os sucessos e falhas das políticas e ações militares norte-americanas no combate ao terrorismo? (PD2): Qual foi o impacto global deste confronto, segundo Loureiro dos Santos? (PD3): Qual é a perspetiva de Loureiro dos Santos sobre as implicações deste confronto para a política externa e de defesa de Portugal?

Metodologicamente, este estudo adota uma abordagem qualitativa, sustentada numa estratégia de investigação documental e numa lógica indutiva de análise. A investigação centra-se, em particular, na análise crítica das obras publicadas por Loureiro dos Santos, que constituem as fontes primárias do estudo, complementadas por literatura académica, documentos institucionais e fontes secundárias que contextualizam e contrastam as suas interpretações sobre o confronto dos Estados Unidos da América com o terrorismo, especialmente no que respeita às intervenções no Afeganistão e no Iraque.

Este trabalho está estruturado em três capítulos principais, para além da introdução e das conclusões. O primeiro capítulo apresenta a contextualização histórica e teórica da problemática em estudo, abordando o fenómeno do terrorismo, os atentados de 11 de setembro, a reação dos EUA e os impactos da Guerra Global ao Terrorismo no sistema internacional. O segundo capítulo debruça-se sobre o percurso metodológico adotado, detalhando a delimitação temporal, as perguntas de investigação, os objetivos, a estratégia e os métodos de recolha e análise de dados. O terceiro capítulo constitui o núcleo analítico do estudo, centra-se na interpretação do pensamento de Loureiro dos Santos relativamente às intervenções norte-americanas, os seus sucessos e falhas, o impacto global do confronto e as implicações para a política externa e de defesa de Portugal. Por fim, as conclusões sintetizam os resultados da investigação, respondem às questões formuladas e apresentam considerações finais sobre o contributo deste trabalho para o estudo da estratégia, da segurança internacional e da posição de Portugal no atual panorama geopolítico.

Desta forma, esta investigação contribui não apenas para o aprofundamento do pensamento estratégico de Loureiro dos Santos, mas também para uma reflexão crítica sobre os efeitos das políticas de contraterrorismo dos Estados Unidos da América e os seus desdobramentos no contexto global e português.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E TEÓRICA

1.1. Terrorismo: Enquadramento Conceptual

O terrorismo é um fenómeno bastante complexo, cujas origens remontam à antiguidade, mas cuja expressão contemporânea se tornou um dos principais desafios à segurança internacional. A definição do termo “terrorismo” varia consoante as perspetivas históricas, culturais e político-institucionais, dificultando a construção de um consenso universal.

A literatura demonstra que, embora não exista uma definição universal de terrorismo, muitos autores o caracterizam, de forma geral, como um instrumento de propagação do medo. Para Tore Bjorgo, “é o uso premeditado de violência contra (principalmente) não combatentes, a fim de conseguir um efeito psicológico de medo nos outros” (2005, p. 2). Fernando Reinares (2005) acrescenta ainda que o terrorismo é a utilização da violência com o propósito de conseguir provocar emoções como ansiedade e medo; é o uso imprevisível e sistemático de violência frequentemente contra alvos simbólicos ou civis; e por fim, é a violência utilizada por forma a transmitir mensagens e ameaças para fins de controlo social.

Segundo Chaliand & Blin (2017) o terrorismo é “a forma mais violenta de guerra psicológica” (p. 2), cujo objetivo principal é atingir a mente das populações, mais do que causar danos físicos diretos. Para estes autores, o terrorismo distingue-se de outras formas de violência com fins políticos, como a guerra convencional ou a guerrilha, pela sua forte carga simbólica, pelo recurso a pequenas unidades operacionais, pela ausência de uniformes e pela inexistência de controlo territorial. Ainda relativamente à caracterização deste termo, Chaliand & Blin (2017), apontam outra distinção relevante que se prende com os alvos: enquanto os exércitos e forças regulares enfrentam outros combatentes, os terroristas muito frequentemente optam por escolher alvos civis, infraestruturas simbólicas ou representações do poder político, económico ou religioso.

Da mesma forma que no meio académico se procura definir e compreender este fenómeno, a esfera governamental e as organizações internacionais classificam e definem o terrorismo de várias formas. Segundo a NATO (2016), o terrorismo é o utilização ilícita ou até a ameaça do uso de força ou violência, por forma a provocar medo e terror contra pessoas ou propriedades, com o intuito de coagir e intimidar governos e sociedades, ou de alcançar controlo sobre uma população, de forma a atingir objetivos políticos, religiosos ou ideológicos.

Uma outra terminologia associada com o terrorismo é a Resolução 1566 (2004) da ONU, que estabelece um enquadramento bastante completo onde se refere ao “terrorismo” como atos criminosos dirigidos contra civis, realizados com o intuito de provocar a morte, ou a tomada de reféns, com o propósito de instigar um clima aterrorizador na população em geral, num grupo específico de pessoas ou determinados indivíduos, intimidar uma população ou compelir um Estado ou organizações internacionais a realizar ou a abster-se de realizar qualquer ato e que configure ofensas conforme definido nas convenções e protocolos internacionais relativos ao terrorismo. Esta resolução apela a todos os Estados que barrem estes atos e, caso não sejam travados, certifiquem que sejam punidos de acordo com a gravidade que representam.

Segundo o direito da União Europeia (2017), os crimes de natureza terrorista correspondem a atos praticados com a intenção de provocar um sentimento profundo de intimidação na população, coagir de forma ilegítima os poderes públicos ou organizações internacionais a agir ou abster-se de agir, ou ainda comprometer gravemente ou destruir as estruturas políticas, constitucionais, económicas ou sociais essenciais de um Estado ou organização internacional.

Apesar do terrorismo não ser algo recente, este fenómeno passou a ter uma atenção e importância acrescida após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos da América. De acordo com Chaliand & Blin (2017), os atentados de 11 de setembro representaram um dos momentos mais marcantes do chamado "hiperterrorismo", uma forma de terrorismo de escala sem precedentes, que se destaca tanto pela brutalidade como foram conduzidos, como pelo seu impacto simbólico e mediático. Estes autores destacam que os atentados foram planeados para provocar um duro golpe psicológico, utilizando meios do quotidiano e aviões comerciais transformados em armas de destruição, com o objetivo estipulado de semear o terror massivamente e demonstrar que até a maior potência mundial é vulnerável.

Segundo Monteiro (2012) o terrorismo atual apresenta diversas motivações, incluindo fins políticos, religiosos, ideológicos ou até mesmo vingança. A sua eficácia está interligada à capacidade de criar impacto psicológico, atrair atenção dos *media* ou influenciar a política interna ou externa dos Estados alvo.

Toda esta análise feita sobre o terrorismo revela que se trata de um fenómeno com raízes antigas, mas que se mantém em permanente transformação ao longo do tempo. Resumindo, para além de uma mera expressão de violência, o terrorismo configura-se como

um fenómeno de natureza política, social e comunicacional, cuja compreensão requer uma abordagem interdisciplinar e uma análise crítica e autónoma.

1.2. 11 de setembro como ponto de viragem

O dia 11 de setembro de 2001 ficou gravado na memória coletiva como um dos acontecimentos mais marcantes e trágicos da história contemporânea. Os ataques coordenados pela organização terrorista *Al-Qaeda* contra alvos estratégicos nos EUA não se limitaram apenas à destruição física ou à perda de vidas humanas, como também representaram uma rutura simbólica com o paradigma de segurança que se vivia até então.

Na prática, estes atentados envolveram o sequestro de quatro aviões comerciais. Dois colidiram com as Torres Gémeas do *World Trade Center* (WTC), em Nova Iorque, um terceiro atingiu o Pentágono, em Washington D.C., e o quarto despenhou-se num campo da Pensilvânia, após uma intervenção por parte dos passageiros. Como defende Bernardo Lima (2011), o resultado foi devastador, causando milhares de mortes e uma onda global de choque. Para além do impacto material, esta ação terrorista adquiriu uma dimensão simbólica profunda, visando o coração do poder económico e militar ocidental. Como defende Lima em “O 11 de Setembro e os clichés transatlânticos”, este ataque “foi dramaticamente singular [...] pela fórmula encontrada para destruir um símbolo do sucesso económico ocidental. [...] Pelo pânico gerado num país considerado impenetrável à ameaça externa. [...] Pela alteração brusca que iria provocar numa sociedade livre de movimentos” (2011, p. 59).

Ao atingir o coração financeiro e militar da maior superpotência mundial, a *Al-Qaeda* tinha intenções de causar mais do que mera destruição material. Felipe Duarte (2021), aponta que o 11 de setembro representou uma transformação do paradigma clássico da violência política, pois inaugurou uma lógica em que a violência passou a ser, em grande medida, um meio de afirmação identitária, moldada por motivações religiosas e escatológicas, que dispensam negociações e recusam o reconhecimento do outro.

Essa dimensão simbólica é igualmente sublinhada por Bernardo Pires de Lima, que argumenta que estes atentados constituíram “um ato maior de um terrorismo islâmico apocalíptico” (2011, p. 59), concebido para atingir os fundamentos psicológicos e institucionais do sistema liberal ocidental. Foram um espetáculo mediático meticulosamente planeado, destinado a ser assistido em tempo real, com o objetivo de provocar e espalhar o medo, forçando a uma reação desproporcional.

Por sua vez, Vítor Viana (2011) destaca ainda a quebra do paradigma de segurança americano. Para si os atentados simbolizaram “o fim da ‘santuarização’ do território dos Estados Unidos” (2011, p. 26) e a confirmação de que atores não estatais podem causar efeitos estratégicos com recursos reduzidos. A natureza assimétrica da ameaça terrorista revelou que o modelo tradicional de dissuasão era ineficaz face a inimigos sem rosto. Como refere Felipe Duarte (2021), os atos de violência perpetrados a 11 de setembro de 2001 marcaram, definitivamente, a transição para uma nova era da violência, com uma nova lógica de conflito. Estes atentados revelaram uma mutação no que era a natureza da ameaça, que passou a operar no plano meta político, através de uma violência “que representa o mundo simbólico do perpetrador” (2021, p. 33).

1.3. Cenário Internacional Pós-11 de setembro

Com o colapso das Torres Gémeas do WTC, o ataque ao Pentágono e a queda do voo United 93, os EUA foram alvo de uma ofensiva terrorista sem precedentes, levada a cabo pela organização *Al-Qaeda*, liderada por Osama bin Laden.

A autora, Alba Catrinel Popescu, reforça a ideia de que os ataques de 11 de setembro representaram mesmo um “ponto de viragem na história humana recente” (2001, p. 1). Segundo Popescu (2001), o impacto destes eventos transcendeu outros momentos históricos, como a Crise de Suez de 1956 ou a Revolução Islâmica de 1979 no Irão. Isto evidencia claramente os graves e prolongados efeitos destes atentados na dinâmica global. Popescu admite que o terrorismo, particularmente o associado à *Al-Qaeda*, passou de uma questão periférica para uma “ameaça global muito real e iminente” (Popescu, 2001, p.75). Esta mudança de perceção foi bastante significativa, pois assinalou a primeira vez que a humanidade enfrentou tamanha ameaça a nível global.

Segundo Rubens Barbosa (2002), os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 marcaram o final do sentimento de invulnerabilidade dos EUA, assim como a crença de que estavam imunes a tamanha violência em território nacional. Este evento caracterizou-se como um ataque direto em solo americano, podendo-se até comparar ao ataque a *Pearl Harbor*, “Uma comoção que levou, naturalmente, à comparação do 11 de setembro ao ocorrido em *Pearl Harbor* em dezembro de 1941, na medida em que ambos constituiriam um ataque direto (e inédito) ao território e ao poderio militar dos EUA.” (Barbosa, 2002, p. 76), mas com distintas diferenças de contexto e natureza. O autor enfatiza que o 11 de setembro foi uma reação à política externa dos EUA, particularmente “a aspetos ‘profanos’ da política externa dos EUA no Oriente Médio, como a ocupação da ‘terra sagrada’ (Arábia

Saudita) ou o apoio aos inimigos do Islã (Israel), conforme pronunciamento de Bin Laden.” (Barbosa, 2002, p. 76).

No cenário internacional pós-11 de setembro, Barbosa assinala que estes ataques foram considerados como atos de guerra, que levaram a mudanças significativas na política externa dos EUA e nas prioridades da segurança nacional. No entanto, este autor defende que isto não resultou numa “nova ordem mundial” (Barbosa, 2002, p. 81). Pelo contrário, a dinâmica internacional de poder global manteve-se praticamente inalterada. Os EUA procuraram manter o seu domínio, mas as reações de outros atores globais foram cruciais para moldar o cenário internacional. O autor aponta que, embora o foco no terrorismo se tenha tornado central para a política dos EUA, o poder relativo dos principais atores globais não apresentou mudanças significativas.

1.4. A resposta dos EUA e o início da Guerra Global ao Terrorismo

A resposta dos EUA perante o duro golpe sofrido em território nacional a 11 de setembro de 2001 resultou na declaração da chamada Guerra Global ao Terrorismo (GGT). Segundo Amiara Solomon (2024), a campanha dos EUA na luta contra o terrorismo global foi uma resposta direta aos atentados, que refletia a urgência com que a administração norte-americana procurou combater ameaças terroristas a nível global.

Uma das mudanças mais significativas, nomeadamente no que toca à política externa dos EUA nesse período, foi a adoção da Doutrina Bush, que realçava a necessidade de tomar ações preventivas e unilaterais. Como destaca Solomon, “a decisão unilateral de Bush de levar a guerra ao terrorismo global a Osama bin Laden e aos países que o apoiaram e ao seu grupo terrorista *Al Qaeda*” (2024, p. 1) marcou um ponto de viragem na estratégia de segurança nacional dos Estados Unidos. Este novo direcionamento político serviu para justificar as intervenções militares no Afeganistão e no Iraque, além de muitas outras operações de antiterrorismo noutras partes do mundo.

Segundo Wafaa Habeed (2020) uma das prioridades americanas era reforçar a segurança nacional. Os EUA passaram então a implementar medidas de segurança mais rigorosas, especialmente no que diz respeito a viagens aéreas. Foram adotados procedimentos adicionais de rastreio, tais como o aumento dos controlos aleatórios de bagagem, as revistas pessoais nos aeroportos e a instalação de equipamentos tecnológicos mais avançados. Estas medidas visavam prevenir potenciais atentados e restabelecer a confiança do público na segurança pública. Como Habeed observa, estas melhorias de segurança também tinham uma finalidade psicológica para a população, tranquilizando-a de que “acidentes tão

dramáticos como o 11 de setembro seriam evitados por todos os meios no futuro.” (Habeed, 2020, p. 7).

No plano legal e de vigilância, os ataques de 11 de setembro impulsionaram a adoção de medidas controversas, nomeadamente a aprovação do *Patriot Act*, que reforçou os poderes das autoridades em questões de segurança. Internamente, os EUA procuraram reestruturar os seus mecanismos de segurança. A criação do Departamento de Segurança Interna (*Department of Homeland Security*) foi um passo essencial para o fortalecimento da coordenação de esforços contra o terrorismo. De acordo com Solomon (2024) a criação desta instituição refletiu a necessidade de uma resposta institucional abrangente para reforçar a proteção do território nacional.

1.5. O impacto dos atentados de 11 de setembro na segurança global

Os ataques terroristas de 11 de setembro contra os EUA tiveram um grande impacto na segurança global, na medida em que alteraram paradigmas e redefiniram as estratégias políticas e militares daquele país. Segundo Alba Popescu, “o impacto destes ataques vai muito além de outros eventos contemporâneos” (2001, p. 1), assim como sublinha a magnitude das suas repercussões ao longo da história moderna. A partir desse momento, a segurança nacional deixou de ser encarada como uma questão essencialmente interna, e passou a ser vista como um desafio global, que exigia cooperação internacional e medidas preventivas mais rigorosas.

A maneira como se via o terrorismo também sofreu transformações significativas após os atentados. Popescu nota que “praticamente a partir desse momento, na mente coletiva, o terrorismo deixou de ser um fenómeno mais ou menos colateral ao conflito árabe-israelita” (Popescu, 2001, p. 4), e elevou-se à principal ameaça à segurança global. Esta mudança levou a um reforço das políticas de combate ao terrorismo, com um olhar particular para a vigilância internacional, para o fortalecimento das agências de inteligência¹ e para a adoção de estratégias preventivas mais robustas.

O autor Changming Liu (2022) defende que as consequências derivadas do 11 de setembro resultaram num aumento da insegurança global. As ações militares conduzidas pelos EUA criaram um clima de medo e instabilidade, não só nas regiões diretamente afetadas, mas também a nível mundial. O autor afirma: “Os EUA passaram assim a representar um perigo de guerra à escala mundial” (2022, p. 370). Isto reflete a perceção de

¹ Conhecimento acionável sobre assuntos estrangeiros, transmitido a decisores sob a forma de informação útil. (Dokman, 2019)

que as ações ofensivas dos EUA contribuíram para um ambiente internacional mais perigoso, no qual os atentados terroristas intensificaram o conflito ideológico entre os EUA e todos aqueles que se opunham às suas políticas externas.

1.6. Consequências da Guerra Global ao Terrorismo e a Adaptação das Ameaças Terroristas

A GGT levou a repercussões significativas do panorama internacional. Embora o objetivo principal das campanhas militares norte-americanas fosse o combate e a erradicação do terrorismo, as consequências dos confrontos revelaram-se, segundo Rifah R. Monir (2020), complexas e, em vários casos, contraproducentes, levando nomeadamente a um aumento do terrorismo global, à fragilização de Estados, ao surgimento de novos grupos extremistas e à intensificação da islamofobia e do sentimento de insegurança no Ocidente.

Apesar do objetivo destas operações militares, em vez de reduzir a incidência do terrorismo, a GGT contribuiu para um aumento exponencial de ataques terroristas em diversas regiões do mundo. Estudos demonstram que, após o início das intervenções militares dos EUA, houve um crescimento tanto no número como na magnitude dos atentados. Como observa Monir, “os ataques terroristas estão a aumentar, tanto em número como em intensidade, após a guerra. O estudo conclui que a Guerra ao Terror está a deixar o mundo mais vulnerável, com consequências adversas para a paz e segurança globais” (2020, p. 71).

A intervenção militar dos EUA no Iraque em 2003 pode ser considerada como um dos principais fatores que facilitaram o crescimento de mais insurgência e da posterior constituição do Estado Islâmico (EI). O autor Abdul Yosufi corrobora que: “A intervenção dos EUA no Iraque e as suas consequências contribuíram para o surgimento e fortalecimento de uma insurgência que acabou por evoluir para o Estado islâmico” (2016, p. 92).

A queda do regime de Saddam Hussein no Iraque, sem um plano eficaz para a estabilização do país, criou uma janela de oportunidade que permitiu a emergência de grupos extremistas. Este autor enfatiza que: “A intervenção dos EUA proporcionou aos insurgentes uma causa estratégica para atrair combatentes e financiamento” (2016, p. 93). Desta forma, a presença militar norte-americana foi aproveitada para motivar o recrutamento de combatentes jihadistas e o financiamento da insurgência.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

Este capítulo evidencia o percurso metodológico do presente trabalho de investigação aplicada, cujo objetivo é analisar de forma científica a perspectiva do General Loureiro dos Santos acerca do confronto dos EUA com o terrorismo, assim como os seus impactos a nível global. Ainda neste capítulo, são apresentadas as delimitações temporais e temáticas da investigação, as questões e os objetivos, bem como o método, a estratégia de investigação e os procedimentos de recolha de dados.

De acordo com Rosado (2017) existem três tipos de métodos: o método dedutivo, que é baseado numa lógica que parte de uma ou mais opções teóricas; o método indutivo, que se sustenta no exame de resultados, sobre um fenómeno particular, de modo a atingir uma caracterização e generalização teórica; e por fim, o hipotético-dedutivo que se apoia na descoberta de hipóteses que possam explicar os fenómenos em estudo. Este autor, também esclarece que, existem ainda três tipos de paradigma: o quantitativo, baseado no uso de metodologia de cariz quantitativo; o qualitativo, que orienta por uma metodologia de cariz qualitativo; e por fim, o sócio crítico que se relaciona a um interesse crítico. Por fim, Rosado, defende também que as estratégias de investigação podem dividir-se em quantitativas, qualitativas ou mistas, sendo que estas ditam o desenho de pesquisa que se adequa ao tipo de estudo.

Desta forma, e considerando “que os paradigmas orientam as metodologias, as metodologias enformam e aferem os métodos, e os métodos constituem um conjunto de técnicas que determinam o sentido orientador de uma investigação” (Rosado, 2017, p.119), para a realização desta investigação foi utilizada um paradigma qualitativo, uma metodologia indutiva e uma estratégia qualitativa, seguindo as Normas de Execução Permanente (NEP) 520/6ª da Academia Militar.

2.1. Delimitação Temporal e Temática

A investigação encontra-se delimitada temporalmente entre 2001, nomeadamente a partir de 11 de setembro, data dos ataques terroristas perpetrados nos EUA, e 2017, mais precisamente 20 de janeiro, marco do fim da presidência de Barack Obama. Este intervalo temporal, que compreende os dois mandatos presidenciais de George W. Bush (2001–2009) e os dois de Barack Obama (2009–2017), representa uma das fases mais ativas e significantes da Guerra ao Terrorismo por parte dos EUA, tanto a nível das ações militares diretas como a nível de formulação de estratégias de segurança nacional, reformulação de alianças

internacionais ou reconfiguração do papel dos EUA dentro do sistema internacional. Ao longo destes 16 anos, assistiu-se à invasão do Afeganistão em 2001, à intervenção militar no Iraque em 2003, ao alargamento das operações antiterroristas noutras regiões do mundo e à transformação dos conflitos assimétricos em fenómenos globais.

Foi neste contexto específico e período temporal que Loureiro dos Santos gerou sistematicamente uma vasta série de reflexões e análises críticas acerca das políticas adotadas pelos EUA na luta contra o terrorismo, com especial destaque para os conflitos no Afeganistão e no Iraque. A sua visão e as suas opiniões, expressas ao longo de várias publicações, permitem observar de forma clara como este período foi interpretado à luz da geopolítica, da estratégia militar e das dinâmicas do sistema internacional. A escolha deste intervalo temporal justifica-se, assim, não só pela centralidade dos acontecimentos militares e diplomáticos em causa, mas também pela densidade e relevância do pensamento de Loureiro dos Santos relativamente a estes temas, tanto no plano nacional como internacional.

2.2. Questões de Investigação

No desenvolvimento de um trabalho de investigação aplicada, é essencial a formulação de uma pergunta de partida (PP) que oriente todo o percurso da pesquisa e permita estruturar a análise de forma coerente com os objetivos definidos. Para Quivy & Campenhoudt (2013, p. 9), a pergunta de partida representa o “fio condutor do trabalho”, pois é a partir dela que se delimitam as hipóteses e os caminhos de exploração teórica e empírica.

Rosado acrescenta ainda que, “o problema de investigação é ditado por uma pergunta de partida (também designada por questão de investigação) que está forçosamente alinhada com o título e com a temática onde esse estudo se insere” (2017, p.122).

De acordo com Quivy & Campenhoudt (2013), uma PP deve reunir três características essenciais: ser clara, exequível e pertinente. A clareza implica que a questão seja formulada de forma precisa, concisa e sem margem para interpretações ambíguas. A exequibilidade refere-se à capacidade de obter respostas válidas dentro dos recursos disponíveis em termos de tempo, financiamento e meios logísticos, garantindo que a investigação seja realista e adequada às condições pessoais, materiais e técnicas do investigador. Por último, a pertinência exige que a PP permita interpretar e compreender os fenómenos em estudo, evitando questões fechadas que se limitem a respostas como “sim” ou “não”, e promovendo uma abordagem mais aprofundada (Quivy & Campenhoudt, 2013, pp. 34-44).

Desta forma, a pergunta de partida que guia esta investigação formula-se da seguinte maneira:

PP: “Qual a perspetiva do General Loureiro dos Santos sobre o confronto dos Estados Unidos da América com o terrorismo e o seu impacto global, expressa nas suas obras?”

De modo a dar uma maior profundidade à investigação e a estruturar de forma mais organizada a abordagem ao tema, foram estabelecidas três perguntas derivadas (PD). Estas questões adicionais permitem direcionar a análise para aspetos mais delimitados, garantindo que o estudo responde de forma sistemática e completa às diferentes dimensões do problema central. De acordo com Rosado (2017), trata-se de “questões de cariz mais limitado, dispostas em setores de análise que estão circunscritos no domínio da área da pergunta de partida e que atendem, conseqüentemente, aos objetivos específicos da investigação” (p. 122).

Assim sendo, foram formuladas as seguintes perguntas derivadas:

- **PD1:** Como é que Loureiro dos Santos interpreta os sucessos e falhas das intervenções militares dos EUA no confronto com o terrorismo?
- **PD2:** Qual foi o impacto global deste confronto, segundo Loureiro dos Santos?
- **PD3:** Qual é a perspetiva de Loureiro dos Santos sobre as implicações deste confronto para a política externa e de defesa de Portugal?

2.3. Objetivos da Investigação

No âmbito de um trabalho de investigação, é crucial a definição clara dos objetivos do mesmo, pois estes orientam todas as etapas do estudo e asseguram a coerência entre as questões de investigação e a metodologia adotada. Segundo Gil (2008), os objetivos “representam os resultados que se pretende alcançar com a realização da investigação” (p. 42), sendo, por isso, indispensável distingui-los entre um objetivo geral, que é mais amplo e abrangente, e objetivos específicos, que são mais delimitados e operacionais.

De acordo com Marconi e Lakatos (1990), a enunciação do objetivo geral deve ocorrer logo na fase inicial do estudo, uma vez que este não só orienta sobre o tipo de investigação a realizar e as variáveis em análise, como também “(...) torna explícito o problema, aumentando os conhecimentos sobre determinado assunto” (1990, p. 22). O autor Vilelas (2009) reforça esta ideia ao afirmar que os objetivos devem indicar a população em

estudo, as variáveis, o tipo de investigação e eventuais hipóteses, sublinhando ainda que, para cumprirem plenamente a sua função, precisam de ser claros, limitados, precisos e refletir a perspetiva adotada para o estudo.

Assim, no presente trabalho, o objetivo geral procura dar resposta à PP, enquanto os objetivos específicos estão analiticamente mais associados às PD, permitindo uma abordagem mais detalhada e estruturada do tema.

2.3.1. Objetivo Geral (OG)

Este estudo tem como objetivo geral a análise da perspetiva do General Loureiro dos Santos sobre o confronto dos Estados Unidos da América com o terrorismo e o seu impacto global, conforme expressa nas suas obras.

2.3.2. Objetivos Específicos (OE)

Como objetivos específicos, apresentam-se os seguintes:

- **OE1:** Investigar como Loureiro dos Santos interpreta os sucessos e falhas das políticas e ações militares norte-americanas no confronto com o terrorismo;
- **OE2:** Verificar quais as implicações globais deste confronto, segundo Loureiro dos Santos;
- **OE3:** Analisar o impacto deste confronto na política externa e de defesa portuguesa, segundo a sua visão estratégica.

2.4. Método e Estratégia de Investigação

Este estudo caracteriza-se por ser uma investigação aplicada de natureza qualitativa, seguindo um raciocínio indutivo. Recorreu-se essencialmente à análise documental como técnica de recolha e tratamento de dados. De seguida, explicam-se estes conceitos e opções metodológicas, de acordo com a literatura científica pertinente.

Segundo Carvalho (2009) a investigação aplicada distingue-se de outro tipo de investigações pelo seu objetivo prático. Enquanto outro tipo de investigações procuram provar teorias ou princípios científicos básicos para adquirir novos conhecimentos, sem preocupação com aplicação imediata, a investigação aplicada visa encontrar uma aplicação concreta para os conhecimentos adquiridos em trabalhos originais. O presente trabalho enquadra-se nesta última categoria, pois não só procura compreender a visão e perspetiva de

uma personalidade de extrema relevância e contributo para o domínio das Ciências Militares, como também em termos práticos pretende integrar-se no projeto “Grande Memória da Estratégia Nacional” do Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação da Academia Militar (CINAMIL), constituindo potencialmente uma entrada desta futura enciclopédia.

Em termos de estratégia, a investigação guiou-se por uma abordagem qualitativa. De acordo com Vilelas (2009) as investigações qualitativas lidam com valores, crenças, hábitos, atitudes e opiniões dos envolvidos, privilegiando a interpretação em detrimento da quantificação. Em vez de avaliar e medir variáveis ou fenómenos de forma estatística, o objetivo é alcançar um entendimento mais profundo e subjetivo do objeto de estudo, em detrimento de medições ou análises numéricas. Consequentemente, este tipo de investigação foca-se mais em significados e pontos de vista do que em resultados meramente mensuráveis. Segundo Sousa & Baptista (2011), das características mais comuns de uma investigação qualitativa destacam-se: o interesse centrado mais no processo da pesquisa do que nos resultados finais; o papel ativo do investigador na recolha de dados, exigindo; e a flexibilidade do plano de investigação para se adaptar à natureza do objeto de estudo

No que toca ao método de abordagem, este trabalho segue um raciocínio indutivo. No entendimento de Freixo (2011) em termos epistemológicos, o raciocínio indutivo procede do particular para o geral: parte da observação de factos específicos para, através da sua associação, estabelecer generalizações e eventualmente formular leis ou teorias explicativas. Na prática, começa-se por observar os fenómenos e recolher dados empíricos sem ideias preconcebidas; de seguida, os dados são codificados e classificados para poderem identificar padrões consistentes; numa terceira fase formulam-se hipóteses ou enunciados gerais a partir das observações iniciais; por fim, essas hipóteses são submetidas a verificação e podem requerer observações adicionais para serem confirmadas. Em suma, o método indutivo implica inferir regularidades gerais com base nos casos particulares observados. “O método indutivo generaliza a toda uma classe de acontecimentos aquilo que foi provado em alguns casos” (Freixo, 2011, p. 96), embora essa mesma generalização acarrete sempre uma certa margem de erro. Importa notar também que, em investigações de índole qualitativa, a generalização universal não é necessariamente o objetivo principal; frequentemente procura-se antes compreender em profundidade um fenómeno específico, podendo emergir teorias locais ou “teorias fundamentadas” a partir dos dados (Freixo, 2011). Este estudo adota precisamente essa postura indutiva, privilegiando a geração de *insights* e explicações a partir da análise do caso em estudo, em vez de testar hipóteses deduzidas de teorias prévias.

No seguimento e em coerência com a estratégia qualitativa adotada, a principal técnica de recolha e análise de informação foi a análise documental. Desta forma, a investigação baseou-se no exame e análise sistemática de fontes documentais relevantes, como por exemplo, obras publicadas, documentos oficiais, registos históricos e artigos científicos, de modo a se extrair os dados necessários para responder às questões de investigação. Deste modo, o presente estudo examina criticamente documentos e registos pertinentes ao tema em análise, nomeadamente os textos e discursos do General em questão de forma a procurar extrair deles significado e contexto. Segundo o autor Bryman (2012) a análise documental, conjugada com uma perspetiva interpretativa, permite compreender os significados subjetivos contidos nesses registos e relacioná-los com o quadro social e histórico em que se inserem. Deste modo, a opção pela análise documental revelou-se adequada para sustentar uma investigação qualitativa de natureza descritiva e interpretativa, alinhada com os objetivos práticos e aplicados do estudo.

Em conclusão, a metodologia delineada para este trabalho de investigação aplicada, nomeadamente a estratégia qualitativa, com abordagem indutiva e recurso à análise documental, proporciona um enquadramento coerente por forma a explorar e analisar o problema em questão. Deste modo, esta combinação metodológica assegura que a investigação possa aprofundar a compreensão do fenómeno em análise e possa produzir conhecimento relevante para a comunidade científica.

2.5. Métodos de Recolha de Dados

Neste subcapítulo descreve-se em detalhe os métodos e procedimentos adotados para a recolha de dados desta investigação, evidenciando as fases seguidas, os critérios adotados para a seleção das fontes de informação e a justificação metodológica das opções tomadas. Conforme realçam autores de metodologia científica, é essencial alinhar os métodos de obtenção de dados com a natureza do problema e o desenho de pesquisa definidos. Carvalho (2009) distingue o método das técnicas de investigação, definindo o método como o caminho geral e os passos lógicos para atingir os objetivos, enquanto as técnicas correspondem aos instrumentos operacionais de recolha, tratamento e análise dos dados que conferem concretização a esse método. Desta forma, tendo sido delineada a estratégia metodológica do estudo, foram selecionadas as técnicas de recolha de informação mais adequadas para obter evidências empíricas capazes de responder às questões de investigação, em consonância com os objetivos propostos e o enquadramento teórico previamente estabelecido.

Numa primeira fase, procedeu-se a uma fase exploratória de levantamento e preparação, indispensável para fundamentar a recolha de dados posterior. Nesta fase inicial, efetuaram-se leituras preliminares extensivas da literatura existente, com o intuito de mapear o “estado da arte” sobre a temática em estudo e identificar possíveis lacunas de conhecimento ou aspetos que pudessem requerer investigação adicional. De acordo com as orientações de Freixo (2011), nesta etapa deve-se considerar a busca de três tipos de informação: informação de ordem teórica, relativa a teorias, modelos e quadros conceptuais fundamentais ao tema; informação de ordem empírica, englobando estudos e evidências já publicados como artigos científicos, ensaios, teses ou livros sobre o fenómeno em análise; e por fim informação de ordem metodológica, referente a abordagens, métodos e técnicas de investigação que já pudessem ter sido utilizadas em trabalhos na mesma área. Essa diversificação assegura uma visão abrangente, combinando os fundamentos conceptuais, os dados empíricos disponíveis e as referências de metodologia que podem orientar a investigação.

Com o plano para esta investigação traçado, passou-se então à fase de recolha de dados propriamente dita, na qual foram identificadas, seleccionadas e obtidas as fontes de informação necessárias. Para a realização desta etapa adotou-se um processo criterioso de procura, seleção e compilação de documentos e de outros dados relevantes, conforme descrito a seguir. Importa sublinhar que a recolha de dados não se resumiu a um único momento, mas decorreu de forma faseada: numa primeira fase reuniram-se o máximo de referências potencialmente úteis; de seguida aplicaram-se critérios de triagem para refinar a seleção de acordo com a relevância dos documentos e dados para a investigação; e por fim, organizaram-se os todos dados recolhidos para posteriormente ser feita a sua análise. Todo este procedimento foi encaminhado por princípios de rigor científico e de sistematização, de modo a garantir que os dados recolhidos fossem válidos, fidedignos e adequados à temática em estudo.

Atualmente, dada a abundância de informação disponível em qualquer investigação, foi necessário e essencial estabelecer critérios de triagem simples e claros para se seleccionar apenas as fontes mais pertinentes e confiáveis para esta investigação. O autor, Hermano Carmo (1998) salienta que um dos maiores desafios metodológicos enfrentados pelo investigador é precisamente a seleção e gestão da informação disponível. Em muitos casos, durante a revisão inicial da literatura, o investigador depara-se simultaneamente com excesso de dados nem sempre úteis e escassez de informação verdadeiramente relevante, bem como corre o risco de se deparar com dados distorcidos ou de baixa qualidade. De modo

a reduzir os efeitos deste “nevoeiro informacional”, Carmo (1998) propõe algumas cautelas fundamentais: evitar o afogamento em informação inútil, filtrando desde cedo aquilo que não traz valor ao estudo; explorar diferentes fontes e técnicas para colmatar eventuais lacunas de informação, por exemplo, combinar fontes primárias e secundárias, diferentes bases de dados; e por fim reduzir os perigos da informação não confirmada ou insustentável através de uma análise crítica e profunda das fontes selecionadas. Foi aplicando estas orientações, que esta pesquisa procurou desde sempre se focar na qualidade em detrimento da quantidade das fontes: ao longo do processo metódico de procura, sempre que foi identificado um documento potencialmente relevante, avaliou-se rigorosamente a sua credibilidade, proveniência e relevância para o estudo face às perguntas que a investigação procura responder.

De uma forma geral, na primeira triagem de literatura e documentos, foram privilegiados materiais que evidenciassem autoridade científica e pertinência temática. Isto incluiu, para além de obras da autoria de Loureiro dos Santos, de autores conceituados na área em estudo e estudos especializados como relatórios, artigos académicos, publicações em *journals* científicos, diretamente relacionados com o objeto de pesquisa. Também se procurou recorrer a trabalhos académicos, como dissertações e teses de mestrado ou doutoramento disponíveis em bibliotecas universitárias e repositórios institucionais, sempre que estes aportassem dados ou análises relevantes ao tema.

Após o processo de triagem, definiu-se o conjunto de fontes que seriam efetivamente utilizadas na realização da investigação, tendo sido classificados quanto à sua natureza em fontes primárias e fontes secundárias, mediante a sua relevância. É importante explicitar esta distinção, pois a origem da informação impacta em muito a forma como os dados são tratados e a credibilidade atribuída aos mesmos. As fontes primárias consistiram-se como evidências originais e diretas sobre os fenómenos em estudo. Exemplos típicos de fontes primárias incluem documentos oficiais e obras originais de Loureiro dos Santos que constituem testemunhos diretos do seu pensamento sobre as matérias em foco. Por outro lado, nas fontes secundárias incluem-se outros estudos ou interpretações produzidas por outros autores em que a temática abordada pudesse ser comparada e correlacionada com a temática em estudo nas fontes primárias, permitindo enquadrar teoricamente os dados primários e confrontar diferentes perspetivas. Em suma, as fontes secundárias oferecem acesso a informações que já foram trabalhadas e contextualizadas por alguém, são sínteses ou discussões sobre o tema, elaboradas com base em evidências de primeira mão.

Definidas então as fontes e os critérios de seleção, importa descrever de que forma os dados foram efetivamente recolhidos. No caso presente, atendendo à natureza eminentemente qualitativa e histórico-descritiva deste estudo, privilegiou-se a técnica de análise documental como forma de obtenção de dados, complementada por pesquisa bibliográfica. Desta forma, não se recorreu a técnicas como a observação participante, nem a entrevistas estruturadas. Também não se aplicaram questionários, por não se tratar de recolher opiniões de uma amostra contemporânea, mas sim de dissecar informações já registadas em documentos.

Relativamente à recolha de dados esta investigação beneficiou de recursos tanto digitais quanto presenciais para localizar e aceder às fontes seleccionadas. Desta forma, recorreu-se a uma variedade de plataformas digitais, incluindo bases de dados académicas online, tais como repositórios científicos, catálogos bibliográficos e motores de busca especializados em literatura académica, bem como se recorreu a bibliotecas físicas de instituições de ensino superior. Esta combinação foi fundamental para assegurar a integridade da pesquisa de fontes. Num primeiro momento, a pesquisa digital permitiu identificar rapidamente artigos científicos, livros e teses relacionados com o tema: consultaram-se bibliotecas digitais e bases de dados como a EBSCO, Scopus e B-on de modo a encontrar literatura recente e relevante. Também foram explorados os catálogos das bibliotecas universitárias, nomeadamente a biblioteca da Academia Militar podendo-se obter obras impressas.

A ênfase na análise documental como método de recolha de dados para este estudo merece justifica-se à luz dos objetivos e do quadro metodológico adotado. Em primeiro lugar, é necessário lembrar que a investigação se debruça sobre eventos e políticas ocorridos no passado recente e sobre as interpretações que deles foram feitas, um domínio onde grande parte das evidências disponíveis são de natureza documental como por exemplo, textos escritos, registos oficiais e obras publicadas. Desta forma, a opção mais fácil e natural para aceder a essas evidências foi reunir o máximo de documentos pertinentes e examiná-los criticamente. A alternativa, por sua vez poderia ser, por exemplo, tentar recolher dados através de inquéritos ou entrevistas contemporâneas o que seria menos eficaz ou mesmo inviável.

Em termos de fiabilidade e validade, trabalhar com fontes documentais ofereceu algumas vantagens importantes. Os documentos escritos seleccionados para este estudo passaram por processos de análise o que confere confiança na sua autenticidade e precisão factual. A possibilidade de consultar múltiplas fontes sobre o mesmo evento, por exemplo,

confrontar um documento oficial com um relato acadêmico do mesmo acontecimento, permitiu validar informações por corroboração, uma vez que se diferentes fontes independentes coincidem nos dados essenciais, aumenta-se a confiança na sua veracidade. Por outro lado, eventuais discrepâncias entre fontes que se verificaram, ofereceram oportunidades de análise crítica mais profunda, ajudando a revelar obliquidades ou perspectivas divergentes, o que enriqueceu o processo de análise e compreensão do objeto de estudo.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE CRÍTICA DA PERSPETIVA ESTRATÉGICA DE LOUREIRO DOS SANTOS SOBRE AS GUERRAS DO IMPÉRIO

Este capítulo visa analisar a perspetiva estratégica de Loureiro dos Santos sobre as chamadas “Guerras do Império”, com especial foco na Guerra Global ao Terror desencadeada pelos EUA na sequência dos atentados de 11 de setembro de 2001.

“O General Loureiro dos Santos é um dos mais ilustres militares da sua geração, que combateu pela democracia e pela liberdade e que, como soldado, político, diplomata professor e escritor, vem servindo Portugal nas áreas da estratégia, da segurança, da defesa e das relações internacionais, sem deixar de defender as suas fortes convicções.” (Borges, et al., 2013, p. 150).

No entendimento deste autor, a resposta militar por parte dos EUA ao terrorismo internacional não se limitou à esfera tática ou operacional. Pelo contrário, representou uma alteração à ordem internacional, que deu origem ao que o próprio denomina de “Idade Imperial”, caracterizada pela hegemonia norte-americana, pelo unilateralismo nas decisões estratégicas e pela desconsideração de organizações internacionais, como a ONU ou a OTAN. Esta nova ordem geopolítica provocou reajustes em todos os níveis do sistema internacional, afetando aliados, rivais e Estados mais periféricos.

Loureiro dos Santos interpreta estas guerras como manifestações de um confronto estrutural entre o centro imperial (representado pelos EUA) e uma série de atores espalhados que desafiam a ordem vigente, por exemplo, através de redes terroristas transnacionais. A sua análise propõe um conceito de guerra, que ultrapassa os limites do conflito convencional entre Estados e incorpora dimensões ideológicas, mediáticas, económicas e psicológicas.

Para o autor, a guerra ao terror introduziu um novo tipo de conflito “a guerra não-clausewitziana” travada contra inimigos assimétricos, irregulares, imersos em contextos culturais e religiosos próprios, motivados por objetivos não apenas territoriais ou políticos, mas simbólicos e civilizacionais. Esta guerra, sustentada em ações preventivas e em projeção global de força, teve implicações profundas no que respeita à segurança internacional, no papel das potências regionais e na forma como os Estados, sobretudo os de menor escala, como Portugal, definiam a sua posição no sistema internacional.

Neste enquadramento, o presente capítulo analisa, à luz da obra de Loureiro dos Santos, as contradições e consequências da guerra ao terror. Através da sua crítica, torna-se evidente como o uso excessivo da força militar, aliado a uma visão idealista do poder, contribuiu para destabilizar regiões inteiras, fragmentar alianças tradicionais e gerar novas

ameaças. Simultaneamente, Loureiro dos Santos oferece uma reflexão profunda sobre a necessidade de os Estados reavaliarem os fundamentos da sua política externa e de defesa à luz de uma realidade estratégica em mutação constante.

3.1. Sucessos e falhas das ações militares dos EUA: confronto com o terrorismo

O confronto com o terrorismo, nomeadamente com a organização terrorista *Al-Qaeda* e os seus afiliados, surge como o elemento central da estratégia militar norte-americana na sequência dos atentados de 11 de setembro de 2001. Loureiro dos Santos identifica esta luta como a principal frente daquilo que denomina a “guerra pós-moderna”, um novo tipo de conflito que obrigou os EUA a redefinir a sua doutrina estratégica. O autor afirma que “o terrorismo com quem o mundo se confronta actualmente, e certamente se confrontará durante longo tempo, deve ser encarado como a nossa principal ameaça” (2004, p. 15).

No entanto, Loureiro dos Santos é incisivo na crítica à forma como a resposta dos EUA foi levada a cabo. Em várias das suas obras mais influentes sobre geopolítica da era pós-11 de setembro, apresenta uma avaliação crítica das ações militares dos EUA, focando-se particularmente nos seus sucessos e fracassos em contextos como o Afeganistão e o Iraque. Segundo o autor, a superpotência global adotou, após os atentados, uma postura que oscilava entre uma defensiva estratégica e uma ofensiva pontual, muitas vezes mal justificada e estrategicamente falhada. Na sua obra “Convulsões – Ano III da Guerra ao Terrorismo”, observa que “Parece que os Estados Unidos, suprapotência líder do mundo, [...] continuam com uma postura global de defensiva estratégica [...], embora com espasmos violentos de ações atacantes” (p. 18). Esta análise sugere uma inconsistência na política externa norte-americana, que, apesar do seu poder militar, revela fragilidades na definição e execução de objetivos claros e coerentes.

A invasão do Iraque é, para Loureiro dos Santos, um exemplo paradigmático de falhanço estratégico. Argumenta que as justificações utilizadas para legitimar a invasão deste Estado, nomeadamente a existência de armas de destruição maciça (ADM) e uma alegada ligação entre o regime de Saddam Hussein e a Al Qaeda, não foram confirmadas, minando assim a legitimidade da ação norte-americana. Para Loureiro dos Santos: “Objetivamente, o erro estratégico da guerra do Iraque diminui fortemente o poder mundial dos Estados Unidos” (2006, p. 16). Esta guerra, longe de consolidar a hegemonia americana, contribuiu para a sua erosão, expondo fragilidades logísticas, políticas e especialmente morais. O autor sublinha ainda que a estratégia inicial da ocupação daquele território foi marcada por uma

grande subestimação da resistência local e por uma ausência de planeamento para a fase de reconstrução e estabilização.

Além disso, Loureiro dos Santos salienta que o esforço de guerra prolongado originou um desgaste operacional profundo das forças armadas norte-americanas. Afirma que “as forças terrestres norte-americanas, além de serem qualitativamente inadequadas por só estarem preparadas e instruídas para combates de elevada intensidade, não dando grande importância às operações de paz [...] eram também insuficientes para fazer face ao inimigo que se lhes opunha, no Iraque e no resto do mundo” (2004, p. 31). A pressão sobre os efetivos, a deterioração do moral das tropas e a dependência crescente de pessoal em situação de reserva são apontadas como sintomas de uma estratégia militar insustentável.

Por outro lado, Loureiro dos Santos reconhece certos êxitos táticos, nomeadamente reconhece que, na fase inicial dos conflitos no Afeganistão e no Iraque, os Estados Unidos lograram alcançar êxitos táticos relevantes, em particular na capacidade de manobra e na iniciativa ofensiva. Relativamente à campanha do Iraque, o autor classifica a ofensiva inicial como operacionalmente exemplar: “Com os meios que se presume estarem no teatro de operações (TO), com emprego limitado por condicionamentos relativos à conquista rápida de Bagdade, conseguindo-o com o mínimo de perdas das tropas e das populações, não parece exagero avaliar a manobra operacional já efectuada como brilhante.” (2004, p. 225). No que respeita ao Afeganistão, Loureiro dos Santos destaca a eficácia das ações iniciais americanas no quadro de uma estratégia de ataques cirúrgicos e manobras de surpresa, que forçaram os talibãs a adotar uma posição defensiva: “Tudo indica que estamos a assistir a uma estratégia de não ocupação do terreno, levada a efeito por táticas de não empenhamento, tirando partido das imensas capacidades tecnológicas à disposição dos EUA, em ações rápidas, inesperadas, tipo “bate e foge”, mantendo permanentemente a iniciativa e confinando o inimigo a uma manobra basicamente defensiva.” (2003, p. 69).

Contudo, o autor insiste que tais vitórias iniciais não foram acompanhadas de sucessos estratégicos duradouros. Em “A Idade Imperial”, descreve a campanha no Afeganistão como um exemplo de contra-guerrilha de elevada intensidade, sublinhando que se tratava de uma guerra “sem frente nem retaguarda, mas com inúmeras frentes e retaguardas, em bolsas no seio do adversário” (2003, p. 67). Apesar do avanço tecnológico e da superioridade militar, os EUA mostraram-se ineficazes na pacificação dos territórios ocupados, o que levou a uma instabilidade prolongada.

O autor também levanta questões quanto ao impacto simbólico e político das ações militares. Na sua obra “O Império Debaixo de Fogo”, quando se refere à invasão do Iraque

classificando-a como um erro estratégico da parte dos EUA, realça que esta decisão política levou à perda de prestígio e credibilidade norte-americana no panorama internacional, uma vez que foi alvo de grande escrutínio por parte imprensa internacional. “Até porque este erro e todos os que se lhe seguiram foram devidamente mostrados, ampliados e glosados pelos principais média mundiais” (2006, p. 16). Esta perda de autoridade não foi apenas simbólica, mas teve implicações concretas na capacidade de Washington liderar coligações e influenciar decisivamente os rumos da política global.

Loureiro dos Santos sugere ainda que os EUA, ao adotarem uma postura imperial arrogante, comprometeram a sua posição global. Como escreve, “a arrogância, aliada ao idealismo e ao imenso poder, pode produzir grandes tragédias” (2006, p. 16). A substituição do multilateralismo pelo unilateralismo, a prática de guerras preventivas mal justificadas e a erosão da legitimidade internacional são apontadas pelo general como elementos centrais da falha estratégica americana. A sua análise aponta, portanto, para um império em declínio relativo, cujo poder militar já não basta para garantir a estabilidade geoestratégica que pretende impor.

Apesar de reconhecerem o perigo do terrorismo global como uma grande ameaça à segurança norte-americana, o autor aponta falhas estruturais na forma como os EUA conduziram esse confronto. A sua análise do pós-invasão do Iraque é clara: “O Iraque transformou-se mesmo num campo de treino para terroristas, especialmente de europeus, que depois aplicam o que aprenderam, nos respectivos países” (2006, p. 18). Assim, em vez de enfraquecer as redes terroristas, o autor sugere que a intervenção norte-americana poderá mesmo ter contribuído para a sua disseminação e renovação. A Al-Qaeda, longe de estar derrotada, adaptou-se, dispersou-se e continuou a operar com elevada eficácia, o que revela um profundo fracasso estratégico.

O autor sublinha ainda que a abordagem exclusivamente militar dos EUA revelou uma incompreensão das novas dinâmicas da guerra. Em “Segurança e Defesa”, afirma que “o terrorismo atingiu novas expressões de letalidade e eficácia” (2001, p. 41), alimentadas pela tecnologia e pela difusão mediática. Os EUA, segundo o autor, falharam ao não considerar o ciberespaço como novo teatro de operações, negligenciando o modo como os grupos terroristas se organizam e difundem as suas ideias neste domínio.

Por outro lado, Loureiro dos Santos sublinha os limites norte-americanos no combate ao terrorismo, nomeadamente o desgaste provocado por intervenções prolongadas e a dificuldade de manter a eficácia operacional em múltiplos teatros de operações. Como afirma, “com o grosso das suas forças terrestres perto da exaustão, empenhadas no Iraque, o

que impede o reforço do teatro de operações afegão e retira capacidade de reacção a crises que outros actores provoquem com a finalidade de ganharem vantagens” (2009, p. 131). Esta observação evidencia não só a sobrecarga militar como também a vulnerabilidade crescente dos EUA perante possíveis novas ameaças.

Finalmente, o autor reconhece, uma mudança de atitude da administração norte-americana após o desgaste provocado pelo unilateralismo inicial. Salienta que, “depois de ter abandonado há muito o unilateralismo e ter reconhecido que, afinal, os apoios internacionais tinham imensas virtudes” (2009, p.131). Esta viragem estratégica revela a importância do multilateralismo como fator de legitimidade e eficácia, algo que Loureiro dos Santos considera indispensável no combate a ameaças transnacionais como o terrorismo.

3.2. Implicações globais da Guerra ao Terror

A Guerra ao Terror, desencadeada após os atentados de 11 de setembro de 2001, representa, segundo Loureiro dos Santos, um ponto de viragem na arquitetura da segurança internacional e nas dinâmicas geopolíticas globais. Esta transformação, analisada com profundidade ao longo das suas obras, é compreendida como um marco da transição para a nova era estratégica que o autor designa de “Idade Imperial”. O autor referia que “era patente [...] que a ordem internacional se centrava num único polo de poder mundial, que estendia a sua hegemonia a todo o planeta” (2003, p. 86), em alusão ao domínio dos EUA no pós-Guerra Fria. Esta hegemonia norte-americana é então posta em causa não apenas pela emergência de novos atores não estatais, como a Al-Qaeda, mas também pelo reposicionamento de potências estatais no panorama global, num contexto onde o poder militar, embora relevante, já não se mostra suficiente para garantir influência ou domínio duradouro.

Loureiro dos Santos observa que a ofensiva norte-americana contra o terrorismo teve como um dos seus primeiros efeitos a reconfiguração das alianças internacionais e das prioridades estratégicas dos Estados. No seu entendimento, o ambiente estratégico global foi profundamente alterado, com os EUA a assumirem uma postura imperial de liderança quase solitária, que se manifestou através da prática de ações unilaterais e da invocação do direito à guerra preventiva. Esta escolha estratégica, longe de consolidar consensos, acentuou afastamentos com os tradicionais aliados europeus e originou resistências por parte de potências emergentes como a China e a Rússia.

A legitimação internacional da guerra ao terrorismo, inicialmente alicerçada no apoio da OTAN e nas resoluções da ONU após o 11 de setembro, entrou em declínio com a invasão do Iraque em 2003. Como Loureiro dos Santos (2006) sublinhava a guerra do Iraque, deteriorou gravemente a credibilidade norte-americana junto da comunidade internacional. Este desgaste de legitimidade, conjugado com os escândalos de abusos em prisões como Abu Ghraib e Guantánamo, gerou um impacto devastador no *soft power* americano, afetando a sua capacidade de mobilização diplomática global.

Paralelamente, a guerra ao terror proporcionou oportunidades para que potências regionais ajustassem as suas estratégias em função da nova realidade internacional. Como aponta Loureiro dos Santos, “o poder do Ocidente, especialmente dos Estados Unidos, está a ser afetado negativamente pelo aumento do consumo de combustíveis fósseis provocado pela aceleração do crescimento económico dos grandes países asiáticos” (2006, p. 19). Este fenómeno contribuiu para a ascensão da China e da Índia como polos de poder geoestratégico, acelerando a transição para um mundo multipolar. Neste contexto, a organização regional liderada pela China e Rússia, a Organização de Cooperação de Xangai, surge como um contrapeso ao domínio ocidental.

Além disso, o autor identifica que o terrorismo global, longe de estar circunscrito ao Médio Oriente, passou a ser um fenómeno transnacional que atinge o coração da Europa e outros continentes. Loureiro dos Santos acredita que: “Os resultados estratégicos que [a Al-Qaeda] já alcançou na Espanha [...] vão certamente estimulá-la a manter-se nesta via. Procurará, eventualmente, atacar alvos com semelhantes efeitos, nas circunstâncias a tal mais propícias, em países como Itália, Holanda, Portugal, Polónia, Hungria, Austrália e Japão” (2004, p. 25). Este alerta reflete a perceção de Loureiro dos Santos de que a guerra ao terrorismo, ao invés de reduzir o risco global, pode mesmo ter contribuído para a sua difusão e internalização nos espaços ocidentais. O autor reconhece mesmo que “o terrorismo continuará a ser uma ameaça que moldará comportamentos e regras sociais e as estratégias centrais dos atores estatais.” (2006, p. 35).

Do ponto de vista das relações internacionais, Loureiro dos Santos considera que a Guerra ao Terror impulsionada pelos EUA contribuiu significativamente para a erosão do multilateralismo e para o enfraquecimento das instituições internacionais. Segundo o autor, a atuação americana passou a pautar-se por uma lógica unilateral, ao desprezar os mecanismos formais de entendimento internacional. Quando aborda a invasão do Iraque por parte dos EUA, o autor refere que “os diversos actores [...] resolveram afastar-se e opor-se à

invasão, aproveitando para enfraquecer as posições e o prestígio dos EUA no mundo, diminuindo, objectivamente, o seu poder” (2006, p 15).

Assim, o sistema internacional, no entender de Loureiro dos Santos, sofreu um abalo profundo, com os EUA a deixarem de ser vistos como agentes da estabilidade mundial para passarem a ser, em certos contextos, uma potência perturbadora da ordem global.

Loureiro dos Santos destaca que a “arrogância, aliada ao idealismo e ao imenso poder, pode produzir grandes tragédias conforme a História está farta de demonstrar” (2006, p. 16), sobretudo quando os EUA atuam fora do quadro institucional multilateral, provocando uma perceção de perturbação da ordem internacional. Esta perda de autoridade foi explorada por outros atores estratégicos, como a China e a Rússia.

Em contrapartida, Loureiro dos Santos reconhece também que houve alguns efeitos positivos indiretos decorrentes da ofensiva contra o terrorismo. Nomeadamente, a Líbia abandonara os programas de armamento nuclear e o Irão e a Síria adotaram posições mais cautelosas. O autor afirma: “De qualquer modo, a inversão da estratégia global já produziu efeitos positivos: no comportamento da Líbia, do Irão” (2004, p. 36).

O autor defende ainda que a Guerra ao Terror redefiniu o conceito de segurança global. Passa-se de uma lógica centrada na dissuasão entre Estados para uma lógica de combate a ameaças não-estatais, ideologicamente motivadas e com capacidades avassaladoras. Para Loureiro dos Santos, a ameaça da Al-Qaeda está “disposta a empregar armas de destruição maciça, cuja proliferação é exatamente difícil de conter, se é que será possível, é de tal dimensão, que tem capacidade para destruir qualquer sociedade organizada, ou infringir-lhe golpes demolidores, com efeitos verdadeiramente desastrosos” (2004, p. 27).

Por fim, Loureiro dos Santos lamenta que a resposta americana tenha sido desequilibrada, com demasiada ênfase no instrumento militar e pouca atenção às dimensões política, económica e social do combate ao terrorismo. Sublinha que “o tempo é um grande escultor” (2004, p. 42) e que uma administração sábia poderia, mesmo após erros estratégicos, reorientar a política externa americana no sentido de uma abordagem mais compreensiva e multilateral.

3.3. Impacto da guerra ao terror na política externa e de defesa de Portugal

Loureiro dos Santos, ao longo das suas análises estratégicas sobre o contexto pós-11 de setembro, foca-se particularmente no posicionamento de Portugal face à nova ordem internacional emergente. A sua visão sobre o impacto da guerra ao terror na política externa e de defesa portuguesa revela uma perspetiva crítica sobre a incapacidade do país em

afirmar-se como um ator relevante na cena internacional. Esta crítica estende-se tanto ao nível das opções estratégicas adotadas, como à escassez de recursos e vontade política para acompanhar a evolução do ambiente geopolítico global.

Na sua obra “A idade Imperial”, Loureiro dos Santos denuncia o papel periférico de Portugal no novo paradigma internacional, sublinha que o país falhou em reconhecer a importância do momento geopolítico após os atentados de 11 de setembro. Esta crítica estende-se à fragilidade estrutural da política de Defesa nacional. Em “A Idade Imperial”, Loureiro dos Santos alerta que “nos momentos de crise definidores dos quadros geopolíticos, os países são convidados para as diferentes refeições, ou nem sequer são convidados, em função da sua capacidade militar” (p. 74). Segundo ele, “Portugal nem sequer servirá para “limpar os pratos”” (2003, p. 75), expressão satírica com que ilustra a total marginalização estratégica do país num contexto em que a Europa, já fragilizada, é desconsiderada para missões de apoio humanitário e manutenção de paz, enquanto os EUA assumem as decisões militares e estratégicas mais relevantes.

A crítica do autor português não se restringe à constatação do fraco investimento português na área da defesa, mas estende-se à ausência de uma cultura estratégica nacional. O autor lamenta que, em momentos decisivos de reformulação da ordem internacional, Portugal tende a manter-se numa posição passiva e de mero espectador.

Esta falta de iniciativa, no entender do autor, é consequência direta da contínua degradação da capacidade militar portuguesa, que para Loureiro dos Santos, compromete a sua autonomia estratégica. Chega mesmo a comparar Portugal ao seu país vizinho. No seu entender, os responsáveis pelo país: “esqueceram-se de que nunca na História foi tão desequilibrado, a favor da Espanha, o potencial militar dos dois países peninsulares” (2003, p. 75). Este desnível de capacidades, além de colocar em causa a segurança nacional, retira ao país a possibilidade de participar ativamente em decisões internacionais relevantes.

Loureiro dos Santos refere também, em “Convulsões – Ano III da Guerra ao Terrorismo”, que Portugal poderia ter desempenhado um papel mais significativo se tivesse capitalizado a sua experiência histórica em conflitos assimétricos, como os das campanhas do Ultramar, que se assimilam em muito aos conflitos do Médio Oriente. Ao referir-se à campanha do Afeganistão, observa: “É uma guerra do tipo daquela que os militares portugueses travaram há cerca de 40 anos, em três teatros de operações, de um modo que se tornou clássico, apreciado e elogiado pelos analistas da especialidade de todos os países, com base na aplicação de uma doutrina que elaboraram, na qual ainda podem ser considerados peritos” (2003, p. 67). Esta afirmação sublinha o paradoxo de um país com

conhecimento relevante, mas sem capacidade e influência para o aplicar num contexto internacional.

Na sua análise, o autor critica igualmente a dependência de Portugal relativamente à política externa da União Europeia, cuja influência na guerra ao terrorismo foi praticamente nula. Chega mesmo a referir que para si, “a Europa (UE) não tem qualquer expressão em termos de poder militar” (2003, p. 73), sendo incapaz de responder autonomamente a ameaças de magnitude global. Esta realidade arrasta Portugal para uma posição de ainda maior inferioridade estratégica, sem voz própria, nem meios para marcar presença nos grandes fóruns internacionais.

Na sua obra “A Idade Imperial”, Loureiro dos Santos reforça a sua visão ao criticar a falta de proatividade portuguesa face às novas exigências do sistema internacional. A falta de investimento nas Forças Armadas, aliada à contínua desvalorização da Defesa enquanto instrumento de afirmação global, evidencia um Estado que perdeu a perceção da importância do poder militar no panorama das relações internacionais.

O autor reconhece que a guerra ao terrorismo exigiu novas formas de atuação e cooperação internacional, em particular ao nível da informação, da cibersegurança e da diplomacia preventiva. Contudo, lamenta que Portugal não tenha aproveitado a oportunidade para reposicionar a sua estratégia externa. Loureiro dos Santos (2006), defende que o país se limitou a seguir as orientações dominantes, sem um projeto autónomo ou contributo relevante. Esta postura é, para o autor, reflexo de uma negligência das responsabilidades de soberania, que compromete não só a segurança, mas também a credibilidade externa do Estado português.

Loureiro dos Santos sugere ainda que Portugal deveria ter feito valer a sua posição atlântica e a sua pertença histórica ao mundo lusófono como alavancas estratégicas, tanto na OTAN como na ONU. Em vez disso, as elites políticas nacionais revelaram, segundo o autor, uma visão de curto prazo, desinteressada do jogo de poder internacional. Essa atitude, num mundo cada vez mais competitivo e instável, representa uma ameaça à relevância internacional do país.

Por fim, a resposta nacional às novas ameaças também é criticada. O autor sublinha que, apesar das exigências colocadas pelo terrorismo transnacional, Portugal falhou em adaptar o seu sistema de segurança às novas realidades. Como já tinha criticado em “Segurança e Defesa”, a ausência de um conceito estratégico coerente leva a abordagens fragmentadas da política de defesa, prejudicando a capacidade de resposta nacional.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A presente investigação teve como propósito central compreender e interpretar criticamente qual a perspectiva do General Loureiro dos Santos sobre o confronto dos Estados Unidos da América com o terrorismo. De um modo particular, focou-se no contexto das intervenções militares no Afeganistão e no Iraque após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. Este estudo partiu da pergunta de partida: “Qual a perspectiva do General Loureiro dos Santos sobre o confronto dos Estados Unidos da América com o terrorismo e o seu impacto global, expressa nas suas obras?”, e foi orientado por três questões derivadas: (PD1): Como é que Loureiro dos Santos interpreta os sucessos e falhas das políticas e ações militares norte-americanas no combate ao terrorismo? (PD2): Qual foi o impacto global deste confronto, segundo Loureiro dos Santos? (PD3): Qual é a perspectiva de Loureiro dos Santos sobre as implicações deste confronto para a política externa e de defesa de Portugal?

Relativamente à primeira pergunta derivada, sobre os sucessos e falhas das políticas e ações militares norte-americanas no combate ao terrorismo concluiu-se que Loureiro dos Santos reconhece, com objetividade, certos êxitos táticos nas intervenções norte-americanas, nomeadamente na execução operacional inicial, elogia a rapidez e eficácia das ofensivas como as que levaram ao rápido colapso de Bagdade, classificando a manobra inicial no Iraque como “exemplar” do ponto de vista operacional. Por outro lado, o autor é incisivo ao identificar graves falhas de natureza estratégica, qualifica a invasão do Iraque como um erro estratégico cujas justificações e presença de Armas de Destruição Maciça e ligações à *Al-Qaeda* se revelaram infundadas. Segundo o autor, esse erro não só diminuiu o prestígio americano como expôs fragilidades logísticas, subestimou a resistência local e falhou no planeamento pós-conflito. Loureiro dos Santos sublinha ainda o elevado custo humano e material das intervenções prolongadas, apontando para o desgaste das Forças Armadas dos EUA e o enfraquecimento do moral das tropas. Loureiro dos Santos denuncia assim a ausência de uma visão de longo prazo, a precipitação nas decisões, a escassa preparação para a fase de reconstrução dos Estados intervencionados e a desconsideração pelos contextos históricos, culturais e religiosos locais. Essas insuficiências conduziram, segundo o autor, a cenários de instabilidade prolongada, falência institucional e, paradoxalmente, ao reforço de dinâmicas extremistas que os Estados Unidos da América procuravam eliminar.

Relativamente à segunda pergunta derivada, segundo Loureiro dos Santos, o impacto global do confronto dos Estados Unidos da América com o terrorismo, particularmente no seguimento dos atentados de 11 de setembro de 2001, foi profundamente contraditório e

estruturalmente desestabilizador. O autor caracteriza este período como a transição para uma nova “Idade Imperial”, marcada por uma tentativa de afirmação da hegemonia unipolar americana através da força militar, fora dos quadros tradicionais da legalidade internacional. Para Loureiro dos Santos, esta estratégia, ancorada em ações unilaterais e na lógica dos ataques preventivos, contribuiu para o enfraquecimento do multilateralismo e para o desgaste das alianças dos Estados Unidos da América, nomeadamente com os seus parceiros ocidentais. Segundo o autor, a invasão do Iraque em 2003 simbolizou esse ponto de rutura, consumando uma perda significativa de legitimidade internacional e corroendo a influência diplomática americana. Desta forma, em vez de fortalecer a segurança global, estas intervenções resultaram na fragmentação da ordem internacional e na desconfiança crescente face às intenções dos Estados Unidos.

Do ponto de vista da Segurança, Loureiro dos Santos argumenta que, longe de eliminar o terrorismo, as intervenções norte-americanas facilitaram a sua adaptação e propagação. O sentimento antiamericano, alimentado pelas consequências das intervenções militares no Médio Oriente, funcionou como catalisador para novos focos de radicalização. A resposta militar revelou-se, assim no entendimento de Loureiro dos Santos, insuficiente para lidar com as causas profundas da instabilidade, e acabou por agravar os riscos que pretendia conter.

No plano geopolítico, o autor destaca que o declínio do prestígio internacional norte-americano acelerou a transição para um sistema multipolar, em que potências como a China e a Rússia assumiram posições mais afirmativas na contestação à liderança dos Estados Unidos da América. Perante este cenário, Loureiro dos Santos conclui que o confronto dos Estados Unidos com o terrorismo teve como impacto global o aumento da instabilidade, a desagregação da ordem internacional baseada em normas e a necessidade urgente de repensar os modelos de segurança. Defende, nesse sentido, uma abordagem mais multidimensional que articule o poder militar com soluções políticas, diplomáticas, económicas e sociais, capazes de responder aos desafios complexos da segurança internacional.

Relativamente à terceira pergunta derivada, sobre as implicações do confronto dos EUA com o terrorismo para a política externa e de defesa de Portugal, o autor manifesta profunda preocupação quanto à posição do país neste novo ambiente estratégico. Considera que Portugal adotou uma postura periférica, limitada e excessivamente dependente, não tirando partido das oportunidades criadas por um sistema internacional em mutação. Apesar de membro de pleno direito em organizações como a OTAN e ONU, Portugal revelou

fragilidades na afirmação de uma política externa consistente e de uma cultura estratégica própria. Para Loureiro dos Santos, a ausência de uma visão estruturada para o papel de Portugal no plano internacional, bem como as restrições orçamentais crónicas na área da Defesa, condicionaram a capacidade de intervenção do país e o seu reconhecimento como um ator relevante. O autor apela a uma reflexão estratégica mais profunda, centrada no reforço das capacidades nacionais e na definição de um posicionamento ativo e credível no sistema internacional. Desta forma, a perspetiva de Loureiro dos Santos sobre as implicações da Guerra ao Terror para Portugal revela uma crítica clara à passividade estratégica do país. Reforça a necessidade de construir uma política externa mais ambiciosa e informada, que combine prudência com assertividade, e que reconheça que os pequenos e médios Estados, mesmo em contextos assimétricos, possam desempenhar papéis relevantes se forem capazes de articular os seus recursos, interesses e alianças com inteligência e visão de longo prazo.

Face à análise desenvolvida ao longo desta investigação, e dando resposta à Pergunta de Partida, é possível afirmar que a perspetiva do General Loureiro dos Santos sobre o confronto dos Estados Unidos da América com o terrorismo se inscreve num quadro bastante crítico. A sua leitura distingue-se por uma atenção particular aos desequilíbrios gerados pelo recurso excessivo à força militar como instrumento de política externa, alertando para os riscos de uma visão redutora da segurança. Ao longo das suas obras, Loureiro dos Santos interpreta este ciclo histórico como um momento de viragem no sistema internacional, em que os limites do poder hegemónico ficam expostos e em que se tornam evidentes as fragilidades de respostas assentes exclusivamente na ação bélica. A sua análise não se limita a apontar erros, oferece também um convite à reflexão estratégica: a necessidade de encarar a segurança como um fenómeno complexo, interdependente e em permanente mutação. A sua abordagem é marcada por uma noção clara de responsabilidade estratégica, tanto ao nível das grandes potências como dos Estados de menor dimensão, salientando a importância da antecipação, da coerência política e da integração de diferentes instrumentos de atuação externa. A visão de Loureiro dos Santos assume, assim, um carácter não apenas analítico, mas também propositivo. Ao conjugar o conhecimento técnico-militar com uma visão alargada das relações internacionais, o autor apresenta uma perspetiva que permanece atual e relevante para os debates contemporâneos em torno da guerra, da paz e da segurança global. Esta investigação demonstra que o seu pensamento constitui um contributo sólido para a reflexão estratégica portuguesa, desafiando decisores e académicos a repensar os fundamentos da ação externa num mundo onde a imprevisibilidade e a complexidade passaram a ser normas e não exceções.

Para investigações futuras, sugere-se a comparação entre o pensamento de Loureiro dos Santos e outros estrategas nacionais e internacionais, de modo a enriquecer o debate sobre o papel dos pequenos e médios Estados em contextos de conflito assimétrico. Seria também pertinente aprofundar a análise sobre a forma como os princípios defendidos pelo autor foram, ou não, incorporados nas políticas públicas portuguesas na área da Defesa e das Relações Internacionais após o período em estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barbosa, R. A. (2002). Os Estados Unidos pós 11 de setembro de 2001: Implicações para a ordem mundial e para o Brasil. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 45(1), 72–91. <https://doi.org/10.1590/S0034-73292002000100003>

Bjørge, T. (Ed.). (2005). *Root causes of terrorism: Myths, reality and ways forward* (1st ed.). Routledge. <https://opev.org/wp-content/uploads/2019/10/BJ%C3%98RGO-Tore.-Root-Causes-of-Terrorism-.pdf>

Borges, J. V. (2013). Uma análise da obra e do pensamento do General Loureiro dos Santos. In F. P. Garcia & A. P. Lousada (Eds.), *Da história militar e da estratégia: Estudos de homenagem ao General Loureiro dos Santos* (pp. 133–152). Estado-Maior do Exército.

Bryman, A. (2012). *Social research methods* (4.^a ed.). Oxford University Press. https://haqaa2.obsglob.org/wp-content/uploads/2020/11/2012_Bryman_Social-Research-Methods.pdf

Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Universidade Aberta.

Carvalho, J. E. (2009). *Metodologia do trabalho científico: «Saber-fazer» da investigação para dissertações e teses* (2.^a ed.). Escolar Editora.

Chaliand, G., & Blin, A. (Eds.). (2017). *História do terrorismo: Da Antiguidade à Al-Qaeda* (F. D’Eça Leal, Trad.). SAJ/INF.

Conselho da União Europeia. (n.d.). *A resposta da UE ao terrorismo*. <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/fight-against-terrorism/>

Dokman, T. (2019). *Defining the term "intelligence": Insight into existing intelligence knowledge*. *Informatologia*, 52(3–4), 189–198. Recuperado de https://www.academia.edu/63573218/Defining_the_term_intelligence_insight_into_existing_intelligence_knowledge

Duarte, F. P. (2021). Os ataques de 11 de setembro: Outras leituras da violência política. *Locus: Revista de História*, 27(2), 26–43. <https://doi.org/10.34019/2594-8296.2021.v27.34092>

Freixo, M. J. V. (2011). *Metodologia científica: Fundamentos, métodos e técnicas* (3.^a ed.). Instituto Piaget.

- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6.^a ed.). Atlas. <https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>
- Habeeb, W. H. (2020). The American relation after September 11 events. *International Journal of Research*, 7(6), 6–12. <https://journals.pen2print.org/index.php/ijr/article/download/20053/19644>
- Liu, C. (2022). US war culture and the destiny of the empire. *International Critical Thought*, 12(3), 370–398. <https://doi.org/10.1080/21598282.2022.2120662>
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (1990). *Técnicas de pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados* (2.^a ed.). Atlas. https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view
- Monir, R. R. (2020). War on terror and its implications for global peace and security. *Journal of South Asian Studies*, 8(2), 71–78. <https://doi.org/10.33687/JSAS.008.02.3064>
- Monteiro, L. R. M. (2012). *Economia do terrorismo: Análise de sua teoria e consequências* [Monografia de licenciatura, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”]. Repositório Institucional UNESP. <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/0cb7cf5e-4866-4451-8322-2066ffd5a2c4/content>
- NATO. (2016, August 19). *NATO’s military concept for defence against terrorism*. https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_69482.htm
- Pires de Lima, B. (2011). O 11 de Setembro e os clichés transatlânticos. *Relações Internacionais*, (31), 55–59. https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri31/n31a05.pdf
- Popescu, A.-I. C. (2001). O impacto a curto e médio prazo dos ataques dos islâmicos da Al Qaeda nos EUA, desde 11 de setembro de 2001. <https://doi.org/10.53477/1841-5784-21-17>
- Quivy, R., & Van Campenhoudt, L. (2013). *Manual de investigação em ciências sociais* (6.^a ed.). Gradiva.
- Reinares, F. (2005). Nationalist separatism and terrorist organizations. In T. Bjørgo (Ed.), *Root causes of terrorism: Myths, reality and ways forward* (pp. [inserir páginas do capítulo]). Routledge. <https://opev.org/wp-content/uploads/2019/10/BJ%C3%98RGO-Tore.-Root-Causes-of-Terrorism-.pdf>

- Rosado, D. P. (2017). *Elementos essenciais de sociologia geral*. Gradiva.
- Santos, J. L. (2001). *Segurança e defesa na viragem do milénio*. Publicações Europa-América.
- Santos, J. L. (2003). *A idade imperial*. Publicações Europa-América.
- Santos, J. L. (2004). *Convulsões – Ano III da «Guerra» ao Terrorismo: Reflexões sobre estratégia IV*. Publicações Europa-América.
- Santos, J. L. (2006). *O império debaixo de fogo*. Publicações Europa-América.
- Santos, J. L. (2009). *As guerras que já aí estão e as que nos esperam se os políticos não mudarem*. Publicações Europa-América.
- Solomon, A. (2024). America and the global war on terrorism: Explaining the past and determining the future. In *IntechOpen*. <https://doi.org/10.5772/intechopen.1003742>
- Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha* (1.ª ed.). Lidel.
- United Nations Security Council. (2004, October 8). *Resolution 1566 (2004)*. [https://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1566\(2004\)](https://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1566(2004))
- Viana, V. (2011). Consequências estratégicas do 11 de Setembro de 2001. *Relações Internacionais*, (31), 25–31. https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri31/n31a02.pdf
- Vilelas, J. (2009). *Investigação: O processo de construção do conhecimento*. Edições Sílabo.
- Yosufi, A. B. (2016). The rise and consolidation of Islamic State: External intervention and sectarian conflict. *Connections: The Quarterly Journal*, 15(4), 91–110. <https://doi.org/10.11610/CONNECTIONS.15.4.05>